

Off. Redacção da Lusitana



Paris de Janeiro

ANNO I.

THERESINA 20 DE AGOSTO DE 1883.

NUMERO 1.

PROMETHEU

ORGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO.

REDACTOR — THAUMATURGO VAZ.

Publica-se 2 vezes por mez

Assigna-se a 400 rs. mensaes.



PROMETHEU.

Theresina, 19 de Agosto de 1883.

Em substituição a «Bala» eis o «Prometheu».

E' tão forte quanto ella.

Se mudemos o nome de nosso li-
dador a razão está a vista de todos.

Não apropriava-se a escriptos se-
rios, pois encerrava em si uma ideia
de critica, —o que era de encontro
as nosso programma.

O «Prometheu» é o seu successor
favorito.

O companheiro ousado dos Tita-
nides de certo nos levará á Canaan
do progresso.

Debaixo d'um céu estrellado e
diaphano, —o pai de Deucalião creará
novas forças e irá buscar o fogo sa-
grado da sciencia para reanimar sua
divina creatura: o genio!

Se encontrar outro Jupiter que
não consinta que elle restitua aos
homens o que lhes pertence, —não
esmorecerá, tentará de novo até que
a palma viridente dos seus sonhos
lhe seja concedida!

Se apparecer outra Debora —o fi-
lho de Japeto e de Clymena não ou-
virá suas tentações.

Se um inexperiente Epimetheu re-
ceber a fatal caixa, conductora de to-
dos os males, —o novo «Prometheu»
a arrebatará de suas mãos e a im-
pellirá para os abyssos da infamia.

Não se curvará ante o poder da
traição, porque elle é nada ante a
razão!

Se, finalmente, o perseguido «Pro-
metheu», em castigo de sua audacia
e intrepidez for ligado sobre o cau-
casso da decadencia e um abutre a
ignorancia lhe roer constantemente
o figado, —como o Prometheu das
antigas lendas seu figado renascera
até que appareça um Hercules que
o livre deste supplicio; e, assim, con-
seguirá os seus fins.

—Incolas do adiamento—o vos-
so apoio ao «Prometheu».

LITTERATURA.

No cemiterio.

(DIVAGAÇÕES)

A' Álvaro Pereira.

A noite vai em meio. . . .

A lua já pende esmorecida deixan-
do uns reflexos suaves e frouxos que

se derramão docemente sobre a terra.

As anras bemfazejas fazem tremer as petalas humidas dos esguios cyprestres.

Tudo é tetrico.

Uma folha se aptando; a brisa no seu perpassar somnolento, fazendo murmúrios melancolicos que se ameiçam á proporção que beija uma ou outra rosa; a pallidez funerea da lua que se esposa maravilhosamente com a pallidez marmorea das tumbas, a harmonia esplendorosa que alinda ligeiramente o rouxinol com o piar monotono do mocho solitario. . . tudo, tudo nos conduz á um mundo phantastico e ignoto !

Aqui, uma rosa se esfolha meigamente e suas petalas ainda fulgidas se quedam langorosas, confundindo-se com o orvalho que as acaricia pela ultima vez. A sua cor rorida se langue. . . um pallor fugitivo assoma em seus labios prostitutos ao contacto impuro da borboleta seductora. . .

Ja não vive.

Alli, o perfume flórido da brisa se une ao aroma inebriante das florinhas silvestres.

Alem, um cão ladra, um mocho pia, um fogo crepita, a lua desmaia, um cypreste se balouça no galho. . .

É meia noute. Estamos no cemiterio. A capella se ergue mortuaria pela penumbra dos horisontes.

Nas cristas do monte vizinho uma cinta azulada parece abraçar uma

palmeira que se destaca como por encanto.

—E' um quadro esplendido.

Na parte exterior do edificio mysterioso vê-se uma cruz enlaçada com uma toalha.

—E' o emblema do martyrio.

Entremos. Abramos esta porta cujos gozcos enferrujados, ao se separar, parecem com o tinir de cadeias.

O aspecto é tristonho.

A multidão dos tumulos recorta uma cidade em ruinas. As ruinas jamais se acabarão: são sempre sublimes.

As catacumbas, em desmoronamento, nos levão aos tempos da antiga Grecia.

A sombra dos guerreiros do passado preside esta scena nocturna; a sombra dos pensadores hodiernos se mostra com mil irradiações !

Alem—vagueia a lua. . .

Um padre moço, de feições cadavericas, encaminha-se taciturno para a capella.

A voz popular diz ser o parcho da cidade.

Superstição, — mas, no emtanto, respeitemos a crença.

O povo é sempre grande.

Ajoelho-me. . .

N'aquelle instante um indeciso raio da pallida phebe se derramava na frente de phantasma. . .

O ministro de Deus, ergueu olhos piedosos aos céos. Seus joelhos curvarão-se. . .

Ouvi um gemido surdo e depois soluços pungentes se misturavão com o canto funebre da coruja. . .

O padre chorava. . .

Os esplendorosos raios do astro matutino despertarão-me de minhas divagações mysteriosas !

Tinha acordado.

Levantei-me bastante impressionado.

O sol estava em todo o seu brilho.

O sabiá concertava uma nota dulçurrosa que desprendeu apoz um trinar sardoso !

Lauro.

Em 11 de agosto de 1883.

A despedida.

A aurora já desponta... O sabiá ensaia uma canção harmoniosa, mais doce que os labios d'Iracema.

Tudo é poetico sobre a terra: a manhã está esplendorosa.

Estellina espera o amante querido nas visinhanças do jardim. Chora.

Eis que chega Leoncio.

Seus olhos estão ensombrados; suas faces tremem; seu corpo languese. Soffre.

Estellina vai ao seu encontro. Um abraço, um só, mas profundo como a immensidade, sublime como o ignoto, é o signal da separação. Leoncio vai partir. Seus labios não dizem uma palavra.

O silencio é tudo.

—O sabiá deixou de cantar e os dois amantes separarão-se.

Na terra tudo é chimerico: a realidade não é mais do que a illusão com outras vestes.

Pepita.

11 de agosto.

Esboços...—Biographias de estudantes.

NASCIMENTO FILHO.

Tem vint' annos. Talento mui fecundo.
Faz seus versos com graça,—docemente
Não estuda. Sua vida é ler romance
Só frequenta o liceu ss não vê lente....

RAIMUNDO ARTHUR

Escreve poesias, faz discursos
Deseja ser doutor de engenharia,
Vai para corte em outubro, com saudades
Das pequenas que deixa em rebelia.....

FABIO COSTA.

E' moço. Vinte e uma primaveras
Tez marmorea, nos labios um sorriso...
Poeta, litterato que promette;
Quer ser padre... (coitado!) mas tem sizo.

COSTA JUNIOR

Poeta como o outro. Tão sublime !
Estuda p'ra morrer o pobre moço...
O melhor folhetim do «Telephone»
E' do craneo febril deste colosso !

EMILIO BURLAMAQUE.

E' bonito (olh'a corte) e é creança, ...
Fecund'intelligencia inda em botão;
Redigia com gosto a «Philomela»;
Não ama...tem de gêlo o coração !

ALVARO PEREIRA.

Este moço de côr alaranjada
Move a penna ligeiro, com ardor,
E' poeta e amigo da verdade
Mui pacato, dançando com primor.

(*Continúa*)

Tiquira.

Ternuras e mais ternuras
Em morada nunca vi;
Por causa dessas ternuras
Toma na venta, *Lili*.
Nunca ninguem quiz contar-me
Haver campinas aqui;
Por causa dessas campinas
Toma na venta, *Lili*.
Ah ! si pudesse, menino,
Eu te botava o *Cri-cri*;
Por causa da Theresina
Toma na venta, *Lili*.
Disseste que ouvir abrisa
E' mesmo tomar *tiqui*;
Por causa do som da brisa
Toma na venta, *Lili*.
Papagaio, rico louro,
Saracura, hem-te-vi
Por causa de já ser tarde
Adeus, adeus, meu *Lili*
Zé canna-brava.

NOTICIAS

Jornaes.—Temos mais sobre a
nossa banca os seguintes: *Observa-*
dor, Conservador, Trabalho, Papa-
gaio, Preceptor, Baependiano, Estau-
darte e Cri-cri.

O ultimo é desta capital.

Tem como redactor um dos jovens
mais intelligente o nosso amigo Ju-
gurtha Couto.

Agradecemos a offerta e retribuimos
com o nosso modesto *Prometheu*.

«**Brogue**» = No dia 12 do cor-
rente, percorreo pelas ruas desta ca-
pital um immundo pasquim com este
titulo. O engraçado comediante que
o redige mostra ter muito conheci-
mento.....

Segundo nos informão é redigido pelo
jocosos **Pedro Velloso**.

Miseret me tui.

Ther.—Typ. da EPOCA—1883.